

Jornal *O Cola*

DE LETRAS PARA LETRAS

CRÓNICA DE UMA CALOIRA

«A pergunta que todos já tivemos, ou temos, é: como é que há pessoas que possuem interesse nisto?» | p.9

TOP 5

Mês do Orgulho

Se queres celebrar este mês especial com bons filmes e não sabes por onde começar, o *Cola* tem 5 sugestões para ti! | p.2

CIGANA

«Por enquanto, sustento o teatro, encubro-me, protejo-me, mantenho-me vivo. Vivo sem viver.» | p.4



© Gerardo Santos / Global Imagens

O OUTRO LADO

Tudo sobre o outro lado de
André Simões

Docente de Estudos Clássicos da Faculdade
de Letras e *TikToker*.

Top 5 Mês do Orgulho 🏳️‍🌈

Na madrugada de 28 de junho de 1969, Greenwich Village, em Nova Iorque, tornou-se no palco de uma das maiores manifestações pelos direitos LGBTQ+ vistas até então, após a invasão policial em Stonewall Inn, um bar da região frequentado essencialmente pela comunidade gay. A população saiu à rua com um único objetivo em comum, lutar pela igualdade de direitos, como forma de protesto contra a brutalidade policial e discriminação que se fazia sentir perante a comunidade LGBTQ+.



© Portrait of a Lady on Fire

1. *Carol* (2015)

Passado em Nova Iorque, o filme baseia-se num romance entre Therese, uma jovem vendedora numa loja de brinquedos, e Carol, uma mulher mais velha e elegante. Num dia comum de trabalho, Therese interage com Carol e as duas acabam por se aproximar e criar um romance secreto. No entanto, após algum tempo, começam a ser alvo da ideologia da época conservadora em que vivem, passando por muitas dificuldades. Forçadas a tomar decisões difíceis, Carol e Therese começam cada vez mais a questionar o seu futuro juntas.

2. *Philadelphia* (1993)

Regido pelo drama, este filme conta a história de Andrew, um advogado gay que trabalha numa grande firma de advocacia na cidade de Filadélfia. Andrew é demitido após ser diagnosticado com SIDA e a história foca-se na sua luta contra a doença e preconceito que vem com esta. Foi um dos primeiros filmes de Hollywood a abordar o tema da SIDA e a discriminação contra pessoas LGBTQ+ de forma explícita. É lembrado como um marco na história do cinema por sua representação corajosa e comovente da epidemia de AIDS e seus impactos na comunidade LGBTQ+.

Celebrado há mais de 50 anos, o mês de junho ficou conhecido como o Pride Month, isto é, o mês do Orgulho LGBTQ+, que é vivido com intensidade ao redor do mundo inteiro. As celebrações têm como objetivo principal a conscientização sobre as lutas enfrentadas pela comunidade e a promoção pela igualdade dos direitos desta.

3. *Moonlight* (2016)

O filme conta a história de Chiron, um menino negro gay que cresce numa região pobre de Miami. Dividido em três partes, o filme debruça-se sobre a sua infância, adolescência e vida adulta. São abordados diversos temas que ainda hoje estão incutidos em problemas da sociedade atual, tais como a masculinidade, a sexualidade, a toxic dependência e identidade.

4. *Far From Heaven* (2002)

Esta longa-metragem conta a história de uma dona de casa, Cathy, casada com Frank, executivo de uma empresa. A vida aparentemente perfeita do casal começa a desmoronar-se, quando Cathy descobre que Frank é homossexual. Temas como o racismo, a homofobia, o conservadorismo e a hipocrisia da sociedade são abordados no filme.

5. *Portrait of a Lady on Fire* (2019)

A história foca-se em Marianne, uma jovem pintora que tem de pintar o retrato de casamento de Héloïse, cuja entrada nesta união é forçada. As duas raparigas começam a passar mais tempo juntas e inevitavelmente aproximam-se e apaixonam-se. O filme é um retrato sensível e poético de um romance proibido e aborda temas universais como o amor, a liberdade e a arte, mostrando como esses aspectos da vida estão interligados e como podem transformar as pessoas.

Autoria: Gonçalo Counhago e Mariana Calha
Edição: Matilde Mala

O Comboio da Manhã

Autoria: Carolina Franco
Edição: Beatriz Ribeiro
Ilustrador: Nobre Bastos

Existe algo inegavelmente fascinante em observar as pessoas no comboio da manhã.

É fantástico. Terapêutico, até. Tu olhas para todos que se sentam à tua volta e de alguma forma toda a gente parece que beneficiaria de umas horas extra de sono, exceto aquela pessoa que definitivamente acorda às 6 da manhã e gosta. Existe sempre um certo conforto na rotina de apanhar o comboio. É incrivelmente silencioso, mesmo com a maquinaria barulhenta e um motor que parece estar a um segundo de implodir a atmosfera não é quebrada. Afinal, faz tudo parte da experiência.

Durante o verão todos coletivamente transpiramos e praguejamos o sol mortífero, mas durante o inverno basicamente imploramos por ele, precisando de um pouco de calor para sobreviver ao dia.

No entanto, eu ousaria dizer que a minha parte favorita de apanhar o comboio não é a facilidade com que te podes identificar com aqueles à tua volta. A minha parte favorita é como os rostos das pessoas podem expor os seus sentimentos mais íntimos.

Eu vejo um homem que odeia o seu trabalho; uma mulher claramente animada em ver as suas colegas; um estudante universitário que abomina a mera ideia de meter os pés na escola; uma mãe de duas crianças demasiado entusiásticas que parece cansada e cujo marido provavelmente não faz nada o dia todo.

Claro, eu não sei de nada disto. Como é que eu saberia? Eu não sei ler mentes. Não obstante, desconhecidos no comboio são uma tela já desenhada mas em falta de cor, de uma história, ou pelo menos uma que tu conheças. Quem sou eu para negar tal oportunidade? Eu começo a ponderar como é que as suas vidas funcionam, se têm rotinas que seguem, do que é que consistem os seus sonhos e as suas paixões. São delinquentes ou bons cidadãos? Se fossem fazer um quiz, seriam o herói ou o vilão de uma história? Eu perco demasiado tempo a imaginar as suas vidas antes de voltar para o mundo real e começar a ponderar como os seus dias iram correr. Sem o passado, sem o futuro, meramente o presente. Estarão entusiasmados? Já se arrependem de terem saído da cama? Deus sabe que eu me arrependo na maioria dos dias.

Na minha mente, eu falo com estas pessoas, baseada em meras suposições que eu fiz pela sua aparência física, o que é tão fidedigno quanto a habilidade de uma criança de encher um copo com água sem entornar.

Eu digo ao homem: «Boa sorte, espero que consiga arranjar um novo emprego em breve.»

Eu digo à mulher: «Fico contente que pelo menos alguém se sinta feliz apesar do tempo terrível.»

Eu digo ao estudante universitário: «Eu entendo, a sério. Eu estou na mesma.»

Eu digo à mãe: «Divorcie-se, você merece melhor.»

Eu posso ter adivinhado tudo mal. Afinal, aparências não são as fontes mais confiáveis. A vida não é um percurso reto ou até um percurso de todo. Às vezes, viver é sobre cortar caminho entre arbustos e perderes-te no processo antes de finalmente conseguires encontrar uma estrada.

Talvez o homem esteja cansado de beber até tarde com os amigos, mas na verdade gosta do seu trabalho.

Talvez a mulher esteja a tentar convencer-se a sorrir noutro dia miserável.

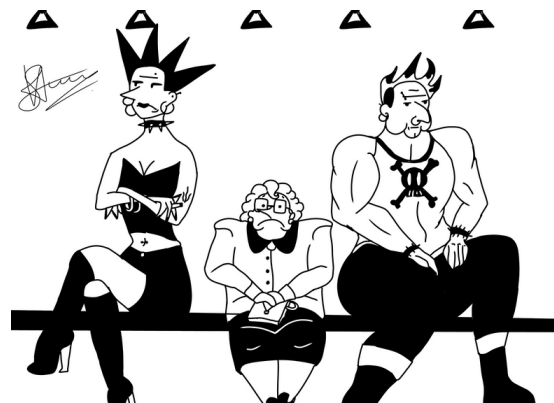
Talvez o estudante universitário esteja meio a dormir, mas ansioso por aprender algo novo.

Talvez a mãe esteja solteira ou talvez o pai realmente ajude e esteja tão cansado quanto ela.

Eu não sei e com toda a honestidade, eu nunca saberei. Eu vou continuar a ver algumas destas pessoas diariamente, sabendo que elas se sentam sempre no mesmo lugar, na mesma carruagem que eu. Outras, simplesmente nunca verei de novo. Rostos que esquecerei como um sopro solitário de vento frio num dia quente que desaparece antes que possas apreciá-lo.

Realisticamente, eu sei que nunca iria iniciar uma conversa com alguém ou tentar descobrir a verdade. Eu prefiro viver na felicidade ignorante de um mundo inventado onde estranhos não têm vidas ou histórias reais. Como uma criança pinta um desenho em preto-e-branco do seu cartoon favorito, eu pinto a vida de pessoas que nunca conheci. Não importa o quanto eu pense sobre isso, a minha opinião nunca vai mudar.

Existe algo inegavelmente fascinante em observar as pessoas no comboio da manhã.



Cigana

Autoria: Mariana Correia
Edição: Matilde Mala
Ilustrador: Nobre Bastos

Vibrante era a sua saia, numa dança própria, independente de quem a vestia e que com ela dançava. A saia era bela, quase tão bela como a cigana que a envergava. Os tons de carmim namoravam a melanina da moça. Dei por mim a desejá-la. A cigana. A saia. Ambas, talvez. Não sei.

Beberiquei a cerveja e ajustei a gravata. Nem sequer gosto de álcool e não preciso deste “garrote”. Mas todos os homens parecem fazê-lo, então limito-me a imitá-los. Tenho-o feito toda a minha existência. A sociedade assim me obriga. Maldito seja o dia em que esta duvide da minha masculinidade e vontade de ser homem! Seria o meu fim, nesta miserável terra.

Arrumo a pesada caneca num dos cantos da mesa e volto o meu olhar para a cigana. Estava agora descalça e soltara os cabelos. Dançava incansavelmente. Não tinha caixa nem chapéu para trocos. Dançava porque era livre e assim o queria. Invejava-a... Invejava-a por ser dona do seu destino, por ser bela e espontânea, pela saia carmim. Contudo, invejava-a, principalmente, por ser mulher. Por ser o que eu sou, mas que não sou.

Vibrante era a sua saia. Cigano é o meu sonho: tornar-me na mulher que sei que sou, mas que não me permitem ser. Cigano porque tanto a moça como o meu desejo são chacinados pelas ruas, olhados de lado, em parte incompreendidos. Porém, selvagens, irreverentes, “perigosos” e necessários. Nunca partilhei este meu sonho com ninguém. Mal o partilho comigo, por um constrangimento que me assombra ainda.

Por enquanto, sustento o teatro, encubro-me, protejo-me, mantenho-me vivo. Vivo sem viver. Talvez um dia, quem sabe, possa desfazer-me deste manto de homem e dançar desafogadamente, envergando a minha saia.

Workshop de Fotografia de Teatro

A Reitoria da Universidade de Lisboa, juntamente com o MEF – Movimento de Expressão Fotográfica - estão a organizar um workshop de fotografia de teatro, **entre 15 de maio e 2 de junho**.

As fotografias dos participantes poderão ser enviadas para o e-mail: **email.mef@gmail.com**.

Durante o workshop, serão abordados alguns tópicos essenciais da fotografia, como, por exemplo, o momento certo, o uso do flash, a fotografia de reportagem, etc. Este curso está dividido em duas partes, sendo uma delas teórica, com duração de 8 horas, e uma parte prática que consiste em fotografar espetáculos do **FATAL - 22º Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa**.



Um apelo para agora

Autoria: Guilherme Sá
Edição: António Santos
Ilustrador: Nobre Bastos

Escrevo-vos (nos) aqui
Como se fosse velho,
Como se tivesse um cão
Chamado Tempo
Que já está há muito de si próprio
Afixado, imprimido, digitado
Num poste eléctrico,
Num recanto jornalístico enquadrado,
Num vidro diário qualquer, perdido e partilhado.

Aqui vai:

Para vocês (nós),
Produtores do pêlo eriçado
E fabricantes da pele de galinha,

Quero-vos (nos)
Como esparguete quente,
Espalmados na parede da cozinha.

Porque o Tempo foi inventado vadio
E ele quer lá saber.
A ração que lhe queremos dar
Só lhe entope o caminho.

E, ao doutor académico,
Quero que lhe peguem pelas bochechas macias
(Pelos bigodes não dá que a pele está rapada)
Quando ele tenta explicar burocracias
Que impedem a criação como (mandem no pró) trabalho.

Criem como pães quentes, carcaças!

Pois vocês (nós)
Já estão cozidos,
Encharcados de água fervente.
Atiremo-nos agora! Mas não de repente.



Mão na Música

No dia 6 de maio, pelas 21h, realizar-se-á um concerto organizado pelos músicos **André Hencluday** e **Nuno da Rocha**, na Aula Magna da Universidade de Lisboa. Foram convidados a participar os artistas **Adolfo Luxúria Canibal**, **João Neves** e **Sérgio Godinho**.

A entrada é livre, é apenas necessário levantar o convite na Reitoria da ULisboa ou no Caleidoscópio.

ANDRÉ SIMÕES

Estivemos à conversa com o professor André Simões, docente na Faculdade de Letras no Departamento de Estudos Clássicos. Atualmente, conta com 18,5 mil seguidores no TikTok, uma rede social onde posta vídeos sobre variados temas, desde Cultura Clássica ao Latim e como é que o autismo influencia a sua vida. Esta entrevista visa dar a conhecer o seu percurso tanto na vida profissional como nas redes sociais.

O que ou quem o inspirou a começar a trabalhar na área da Antiguidade Clássica e a dar aulas posteriormente? Como surge a Faculdade de Letras no seu percurso?

Costumo dizer que a minha história é uma espécie de Harry Potter ao contrário, porque eu meti-me dentro do armário. Quando tinha por volta de 7 ou 8 anos, lembro-me que, por ser uma criança meio estranha, derivado do meu problema de autismo, isolava-me muito e uma vez meti-me dentro de um armário que tinha lá em casa; dentro desse armário havia um livro, que era a adaptação da Odisseia em prosa, do João de Barros, que acho que ainda circula aí com uma capa horrorosa. Na altura, a capa era mais bonita. Lembro-me que li o livro todo assim de enfiada, numa tarde inteira. Fiquei entusiasmado com aquela história de Ulisses e do Ciclope, que me marcou imenso, é uma história fantástica. Eu li e decidi que seria essa a minha vida. A minha mãe comprou-me montes de livros sobre mitos. Sempre que íamos a algum sítio, tínhamos de comprar livros sobre mitos e mitologia e tudo mais e foi aí... um hiperfoco nos mitos clássicos, gregos e romanos. Claro que assim que fui para o 10º ano tive de ir aprender Latim. Teve de ser. E o Grego veio a seguir.

Na época, não havia Grego nas escolas secundárias, aliás, como não há hoje, foi muito difícil. Como eu moro em Torres Vedras, a minha mãe conseguiu-me arranjar um frade, num convento ali perto, que me ensinava Grego. Foi assim que surgiu a Faculdade de Letras e aqui estou há 34 anos.

Em algum momento da sua infância se imaginou a dar aulas? E a ter o alcance e visibilidade que tem hoje em dia?

A visibilidade e o alcance não, mas sempre me imaginei a dar aulas. A minha mãe era professora, portanto, desde miúdo que ia à escola vê-la a dar aulas e quis ser professor.

Qual é a temática e/ou o período dentro da Antiguidade Clássica que lhe desperta mais interesse? Já teve a oportunidade de trabalhar nesse tema, seja nas suas aulas, seja fora delas?

A civilização romana, sem dúvida nenhuma, nomeadamente a transição da República para o Império. Toda aquela parte do séc. I a.c., final do séc. I e princípio do séc. I d.c. Depois, a parte de transição para o cristianismo, portanto, o séc. III e o séc. IV. Não tive a oportunidade de trabalhar tanto a transição do séc. I a.c. para o séc. I d.c., mas trabalhei,



«A Faculdade de Letras é um espaço livre, sempre foi. Eu até nem sei se era mais quando eu era estudante do que é hoje, portanto eu nunca senti esse constrangimento. Eu sinto mais esse constrangimento enquanto autista do que enquanto homem homossexual.»

por exemplo, no meu mestrado, a parte dos mártires no início do cristianismo e, durante bastante tempo, andei por aí, muito na transição do paganismo para o cristianismo e também o início da Idade Média. Hoje em dia, tenho trabalhado não tanto a parte romana, mas mais a parte da Idade Moderna, ou seja, o séc. XVII.

Sendo um homem gay no espectro do autismo, sentiu que esteve de alguma forma em desvantagem em algum momento da sua vida? Seja enquanto estudante ou enquanto educadore?

Mais enquanto sendo autista do que enquanto sendo gay. A Faculdade de Letras é um espaço livre, sempre foi. Eu até nem sei se era mais quando eu era estudante do que é hoje, portanto eu nunca senti esse constrangimento. Eu sinto mais esse constrangimento enquanto autista do que enquanto homem homossexual, porque enquanto autista há toda uma série de barreiras e constrangimentos que não há enquanto sendo homossexual, penso eu.

Quanto aos modelos de ensino em Portugal no sistema do Ensino Superior, existe algum aspeto que mudaria?

Quantas horas temos? Mudaria tudo, praticamente não deixaria nada. Acho que o modelo que nós temos não funciona, o próprio sistema de avaliação que nós temos não serve. O Processo Bolonha é uma ideia que funcionaria muito bem se tivesse sido implementada como era no espírito que a imbuía, inicialmente. Ou seja, individualizar o trabalho do aluno, pôr o aluno a trabalhar por si, funcionando o professor como uma espécie de tutor. Contudo, isso na verdade nunca funcionou, o ensino continua o mesmo. Idealmente, eu deveria ser uma espécie de tutor e os alunos trabalhariam de forma mais individualizada, fariam trabalhos individualizados. No fim de contas, eu não estaria aqui a dar aulas a prorrogar durante uma hora e meia como agora é, mas estaria a fazer um trabalho mais orientador do que outra coisa. Começaria por aí. Muitas das coisas que me dizem, que gostam da maneira como eu trabalho com os alunos, são coisas que me deixam triste, porque eu acho que deveria ser a norma, não a excepção. O respeito pelos alunos, pela sua individualidade, pelo trabalho individual, pela capacidade de poder ter uma avaliação personalizada, tudo isso deveria ser a norma, e é isso que Bolonha proscreeve mas não é isso que nós vemos, como vocês sabem melhor do que eu.

Viver é muitas vezes percorrer quilómetros de mato alto com uma tesoura de poda. Acha que os desafios que encontrou até hoje contribuíram para ser quem é?

Não sei... Eu vivi sempre no meio do mato, usando essa imagem. Nunca quis a tesoura de poda, porque acho que sempre quis estar escondido no meio da floresta e que não me vissem. Acho que é pelo contrário, aquilo que me ajudou a ser quem sou é estar o mais escondido possível, estar no meio do mato e não deixar que ninguém me visse. É o contrário dessa perspectiva, quanto mais escondido melhor.

Neste momento, o Professor conta com 18,5 mil seguidores na rede social TikTok. De onde surgiu a ideia de começar a fazer vídeos para a internet?

Eu não consigo estar nas coisas sem participar. Tinha o TikTok, instalei para ver o que era e achei que poderia também intervir, de certa forma. Achei que podia intervir, porque, como a minha paixão são os Estudos Clássicos e o Latim, pensei em trazer algum conteúdo de divulgação destes mesmos temas. Os primeiros vídeos que eu fiz são até lamentáveis e só não os apago porque faz parte do processo e acho que sinceramente já ninguém vai ver. Já estão tão enterrados que já ninguém lá chega. Depois, de repente, começou a haver gente a ver aquilo e eu comecei a fazer divulgação noutro sentido: de Literatura e de livros que leio. Comecei a ter muitas visualizações e sinceramente não percebi porquê. Continuo sem perceber porquê. Cada vez mais gente a ver-me e, quando dei por mim, não tinha só as centenas de pessoas que achava que ia ter, que era o



meu público no Facebook ou no Instagram que andava por aí. Agora o Instagram também tem não sei quantas mil pessoas e não sei muito bem porquê e apercebi-me que já estava fora de controlo. Parece um bocadinho conversa de Miss Universo e, neste momento, é uma espécie de monstro que eu já não sei como controlar. Sinto-me um bocadinho desconfortável com a exposição toda. Claro que podem sempre perguntar: “Então e porque é que não para?” Porque eu também acho, neste momento, que é uma plataforma onde, mais do que fazer conteúdo de divulgação de Estudos Clássicos, é um espaço onde posso mostrar a quem vê os meus vídeos que é possível. Percebi que também era importante ir por aí.

Eu considero que estou numa posição de privilégio, porque sou um homem branco, cis e tenho uma profissão respeitada. Eu tenho tudo o que muita gente gostaria de ter, tenho uma boa vida, não me vou queixar. Não ganho assim um ordenado por aí além, mas também não sou propriamente pobre. Tenho os livros que quero e faço o que quero da vida. Posso servir de exemplo para os jovens, por exemplo, que podem ou não ser homossexuais ou ter outra vertente sexual, e podem não ser neurotípicas. E podem pensar “Espera lá, se este indivíduo que tem estas características conseguiu chegar onde chegou, eu também posso.” Por isso é que mudei um pouco o meu conteúdo, que agora vai mais nesse sentido: de tentar mostrar que é possível chegar onde cheguei.

O seu primeiro contacto com o TikTok foi por motivos de lazer ou porque teve interesse na potencialidade da rede? Qual foi a sua primeira impressão?

No início, foi meramente por motivos de lazer. Gosto de redes sociais, por isso foi algo natural. A minha primeira impressão, ironicamente, não foi muito boa.

Relativamente à preparação dos vídeos, qual é o processo? De onde é que normalmente surgem as suas ideias para o conteúdo e como é que os planifica? Quanto tempo diria que um vídeo demora a ser preparado desde o momento em que tem a ideia até o postar?

É tudo muito natural. Há dias em que as ideias me vêm à cabeça quando estou na cama a ganhar coragem para me levantar ou quando estou a tomar o pequeno almoço. Acaba tudo por ser espontâneo nesse aspeto. Depois onde acabo por levar mais tempo é mesmo no processo de edição dos vídeos.

O TikTok é uma rede social que prende os utilizadores durante imenso tempo devido à enorme quantidade de conteúdo e rápida circulação de informação. Este aspeto pode ser visto como algo positivo ou negativo, qual é a sua opinião?

Acho que pode ser negativo, sem dúvida. Até mesmo para mim, porque também me tira muito tempo. E por isso é que eu também tento trazer conteúdo que no meu entender as pessoas possam aproveitar de certa forma, ou seja, conteúdo que não seja gratuito. Penso que já que eu estou a fazer isto, pelo menos que sirva para que alguém possa daí retirar algo, que a pessoa possa passar 2 ou 3 minutos a ouvir aquilo que eu tenho a dizer sem estar a desperdiçar o seu tempo.

Quando começou a postar vídeos, alguma vez pensou chegar onde chegou? Tem consciência de que é uma inspiração não só para os seus próprios alunos, mas também para a Faculdade de Letras no geral?

Inspiração espero que não, valha-me Deus! Mas é curioso que eu pensava que o meu público era maioritariamente da Faculdade de Letras, até à semana passada, quando fui a uma escola e até fiquei um bocadinho surpreendido e até assustado porque percebi que se calhar a maioria do meu público não é da faculdade, mas, sim, das escolas. Já tinha tido essa impressão há pouco tempo, noutra escola secundária, e confirmei na semana passada as minhas suspeitas. Mas claro que enquanto neurodivergente é importante mostrar a quem também o é, que não está impossibilitado de prosseguir com o seu sonho e chegar onde quer chegar, apesar dos obstáculos que venham a aparecer pelo caminho. E é também essa ideia que tento trazer nos meus vídeos.

André Simões sugere:

Livro: *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien

Filme: Gerry (2002)

Música: *Missa em Si Menor* de Bach

Artista: Lhasa de Sela

Lugar: Chiado

Crónica de uma Caloira

Autoria: Mariana Raminhos
Edição: Rosana Sousa
Ilustrador: Nobre Bastos

Enquanto aluna desta consagrada faculdade, por vezes deparo-me com um grupo distinto de estudantes. Possuem o traje académico ou uma t-shirt que, na realidade, deveria ser doada à FCUL como objeto de estudo pela sua biodiversidade. São conhecidos pelos seus cânticos, que ecoam pela cidade universitária, e pelas atividades que nem o observador mais atento consegue decifrar. Esta tradição académica, apelidada por muitos de "ritual de passagem", mantêm-se viva contra todas as polémicas e mudanças, numa sociedade que acredita cada vez menos em hierarquias. A pergunta que todos já tivemos, ou temos, é: como é que há pessoas que possuem interesse nisto?

Como tudo na vida, depende da perspetiva. Ser caloira é estar em constante dúvida quanto ao que vai acontecer, tanto na praxe, como na vida académica. Recordo-me que a meio do primeiro semestre ainda me perdia nos corredores à procura das salas, enquanto tentava também adaptar-me a esta nova linguagem formal, que parecia não querer nada comigo. Para além de tudo isto, via também um vasto espectro de pessoas à minha volta com as quais me identificava, porém, tinha demasiada ansiedade para poder tentar conhecer. Mas imaginemos que eu teria tido a coragem de me apresentar a alguém na altura, seria algo do género: "Olha, eu tive agora inglês contigo. Adoro a tua roupa! Podemos ser amigas e falar de Karl Marx?". Cares leitores, a maior parte de vocês teria fugido neste momento constrangedor. Portanto, dadas as circunstâncias, e contra a minha vontade, eu fui experimentar a praxe. Não tinha qualquer tipo de expectativas e, para além do mais, também não entendia o porquê de tanta gritaria. De facto, eu não estava no coro, no mínimo, podíamos ser mais civilizados e menos barulhentos. Na altura também não tinha conhecimento de que tínhamos direito a personal trainers, sempre inspirados em criar novas formas de fazer exercício físico. Como se não fosse suficiente andarmos numa espécie de ginásio ao ar livre, éramos surpreendidos com aulas de culinária. E se acham que eles estavam a fazer o nosso lanchinho, estão muito enganados. Os trajados são o antagonismo das nossas próprias mães. Nunca vi parentes tão orgulhosos por me sujar e rebolar nas mistelas, estas sim, sempre realizadas com muito amor e carinho.

Após toda uma minuciosa reflexão sobre os acontecimentos completamente irracionais aos quais tinha presenciado, decidi que queria ficar. Senti que aquele podia ser um lugar onde não estaria sozinha com os meus próprios medos, um lugar onde havia espaço para me divertir e onde a tinha a porta de saída da minha zona de conforto. Muitas vezes dei por mim no comboio, a caminho da faculdade, a sentir-me motivada pelo facto de saber que havia lá um sítio em que não entravam preocupações nem problemas. Foi uma escolha que me proporcionou bons momentos que eu nunca teria vivenciado se não fosse pela praxe. Lembro-me que um deles foi quando chegou a altura de escolher padrinhos, para os quais eu tinha critérios bastante elevados: ambos tinham de possuir uma beleza incomparável, uma forte presença e, por último, odiarem-me por completo. O retrato de família acabou por ser perfeito à sua maneira; escolhidos às cegas, eles fizeram de mim uma caloira com vontade de ser caloira. Tive também direito a irmãos, mas rapidamente se tornou numa narrativa de Eça de Queiroz, havendo até espaço para um romance imprevisível. Posso dizer que presenciei idas a museus, a festas e a piqueniques com toda uma árvore genealógica diversificada e que, de certa forma, construímos a casa que nunca esperámos ter, casa que estimamos acima de tudo e a qual sabemos que sempre lá estará.

Ser caloira é perceber que as pessoas são mais do que aquilo que mostram ser, e admito que só depois de me permitir colocá-las fora dessa caixa é que finalmente adquiri os meus estimados amigos da faculdade.

Por fim, posso apenas concluir dizendo que tenho dentro de mim uma sensação de ligação incondicional a uma experiência inigualável que me trouxe mais do que alguma vez imaginei. Por tudo o que vivi, senti e aprendi, considero que todos deveríamos tentar também compreender.



AVÓ

Autoria: Beatriz Ribeiro
Edição: Sofia Lopes
Ilustrador: Nobre Bastos

Desculpa, avó,
Por não ter estado quando devia estar
E por agora te chorar.

Agora, és a chuva num céu cinzento
A refilar por não estares aqui;
E uma joaninha que me prega um susto,
A contar as suas histórias;
E uma Água das Pedras,
Na mesa de cabeceira;
E 10 chamadas não atendidas,
Sem remorso.

Desculpa, avó,
Por só estar agora
E por só pensar nas boas memórias.

Adoro-te avó e vais fazer muita falta, ainda mais as tuas histórias.

Do teu besnico, da tua pirralha, da tua neta.



Grupo de Teatro de Letras

No próximo dia 26 de maio, o GTL - Grupo de Teatro de Letras, irá apresentar a sua mais recente peça no FATAL - 22º Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa.

O espetáculo *A Hora Feliz* realizar-se-á no Auditório Carlos Paredes, em Benfica, pelas 21h.

Quando a chuva cai lá fora

Autoria: Sofia Lopes
Edição: António Santos
Ilustrador: Nobre Bastos

Quando a chuva cai lá fora,
Penso no quão belas as flores estarão.
A serem irrigadas pelas bagas translúcidas,
Seguro de que crescerão.

A relva, antes verdinha e frágil,
Com a água, se torna mais escura.
A erva-daninha que a abraça,
Esta torna-se mais madura.

Em mim, o verde desapareceu.
Também eu amadureci,
Irigada pelas lágrimas,
Igualmente brilhantes,
De igual forma transparentes.
Obrigaram-me a crescer,
Entre quatro paredes,
Deslizaram, sob tenra pele,
Até fechar os olhos e adormecer.

Hoje, olho para os dias cinzentos,
E agradeço à chuva,
Porque tal como embelezou as flores,
Embelezou-me a mim.

Em mim,
Plantou sementes,
Fez nascer montanhas,
Criou vales e rios,
Nunca parou de me irrigar.
Porque, na realidade,
É sempre preciso chuva para um pedaço de terra desabrochar.



Jardim Botânico de Lisboa

No séc. XIX, o Jardim Botânico de Lisboa era objeto de estudo e investigação da Escola Politécnica, devido à sua diversidade biológica. Atualmente, este monumento nacional está aberto ao público e pode ser visitado **gratuitamente aos domingos, entre as 10h e as 13h.**

Contém espécies tropicais de várias zonas do mundo como, por exemplo, da Nova Zelândia, China, Austrália, Japão e América do Sul.

Carta Aberta ao meu Primeiro Amor

Autoria: Bruna Ribeiro
Edição: Matilde Freitas
Ilustrador: Nobre Bastos

Desde que me lembro de ser gente, ouço que «o primeiro amor nunca se esquece».

Confesso que, em tempos, esta expressão me pareceu apenas um clichê, mas, por mais que tenha tentado ao longo dos anos, não me consigo esquecer de ti. Não te consigo tirar da cabeça e não te quero apagar do coração.

Encontrei em ti um belo primeiro amor e, até há pouco tempo, o meu coração só te conhecia a ti.

Tínhamos o romance perfeito. Um amor digno das páginas de um livro. Um sentimento que nunca consegui explicar: tão único, incomparável e inigualável a qualquer outro no mundo à parte que são as emoções. Tínhamos uma ligação tão forte que cheguei a pensar que seria para sempre – e não pensamos todos?

Porque nos amámos. Amámo-nos tanto. Amei-te tanto. E tão profundamente.

Amei cada detalhe teu. Os lábios com que me beijavas. As mãos que encaixavam perfeitamente nas minhas. Os olhos de uma cor quase inventada. A alma mais bonita e a forma tão pura de (me) amar.

A nossa história foi como um daqueles poemas que lemos numa noite de solidão. Um poema com versos soltos, dos dias em que não sabíamos quem éramos. Algumas vírgulas, das tantas indecisões que nos consumiram. E um verso marcante, o momento em que soubemos que nos pertencíamos.

Fomos um poema bonito. Demasiado bonito.

Fomos um poema com fim no verso errado.

Fomos um poema que não devia ter acabado.

O nosso amor foi breve, mas nunca comum. Intenso ao ponto de ainda hoje pensar em ti quando como o teu chocolate preferido ou quando passo pela tua rua e vejo se tens o carro à porta. Na falta que fazes entre os meus lençóis. No teu corpo junto ao meu. Na paixão que era tão nossa como as palavras são da poesia. Nos sorrisos que partilhámos e nas lágrimas que escondemos.

Muito tempo passou desde que nos tivemos, mas a verdade é que passaste por mim como um tornado e deixaste um rasto de saudade que ainda hoje me inquieta. Ainda passo noites em branco a lembrar o que me dizias ao ouvido.

passo noite em branco a lembrar o que me dizias ao ouvido.

Ainda sinto o teu perfume no meu quarto e ainda penso no que poderíamos ter sido juntos, em tudo o que podia ter acontecido se, naquela noite amargurada de outubro, não nos tivéssemos despedido.

Custou-me demasiado perder-te. Custou-me tanto ver-te voar para longe.

Nada nos prepara para que quem já foi tudo se torne apenas num vazio assim de repente. Uma lembrança dolorosa que, durante os primeiros tempos, tentamos evitar com tudo o que temos. Mas isto nem é o que dói mais. O que dói mais é saber que perdemos – talvez – para sempre aquele amor que intensificava os cinco sentidos. É saber que, quando nos sentirmos em baixo, não estaremos entregues ao abraço que, como por magia, cura qualquer ferida. É saber que perdemos o toque. A conexão. O que dói mais é aceitar que acabou.

Na memória, ficam os planos com que, um dia, sonhámos. Fica o futuro que idealizámos numa qualquer madrugada de domingo.

No presente, a realidade: a tua escova de dentes já não está no copo e a tua roupa habita outro armário que não o do nosso quarto. Ainda tenho os lençóis de cetim que comprámos por impulso quando nos mudámos para esta casa que, hoje, parece tão vazia sem ti.



Mas aceitei o fim, ainda que o meu coração não quisesse abrir mão de ti.

Tive de aceitar. Fui obrigada a abrir-te as portas de saída da minha vida.

Mas sabes uma coisa?

Não duvido que tenhamos sido feitos um para o outro. Porque, no fundo, eu sei que és tu. E vais ser sempre tu. Foste a minha primeira viagem ao mundo do romantismo e, sem eu querer, o meu corpo ainda te pertence.

O coração, esse é teu desde o dia em que te conheci.

Como é que eu sei isto?

Porque és o meu Danny Zuko. O meu Mr. Darcy. O amor que se lê nos livros. O tipo de amor que nos devora os corpos e se apodera dos nossos corações. O amor que, de tão intenso, me obriga a ter, para sempre, um pedaço teu a viver em mim.

E se, um dia mais tarde, me perguntarem pelo *amor da minha vida*, direi que já o encontrei, mas que também já o perdi. Não com tristeza no olhar ou com a voz rouca. Mas com alegria estampada no rosto, por ter tido a sorte não só de o encontrar, mas de o amar e ter sido amada por ele. Vou sorrir com a certeza de que o destino fez a sua parte.

Porque o amor da nossa vida não tem de ser para sempre.

Tem de ser até haver amor.



Visitas ao Parlamento

A Assembleia da República organiza visitas guiadas presenciais às principais áreas do Parlamento, como às Salas das Sessões e do Senado, dando a conhecer a história do Palácio de São Bento. As visitas, de aproximadamente 1h30, ocorrem às **segundas-feiras (de manhã e à tarde)** e às **sextas-feiras (à tarde)**, sendo estas gratuitas. As inscrições podem ser feitas no *website* oficial da Assembleia da República. É ainda possível assistir ao Plenário, de acordo com a disponibilidade. Basta cumprir o protocolo de segurança e **apresentar o documento de identificação**.

Cabo Delgado nos Dias de Hoje: Uma Guerra Terminada ou Esquecida?

Autoria: Filipe Marçal
Edição: Matilde Mala
Ilustrador: Nobre Bastos

Há mais de 5 anos que a região de Cabo Delgado, no Norte de Moçambique, se encontra em clima de guerra. Como qualquer outro conflito armado, os tempos iniciais são sempre os mais noticiados, graças ao fator “novidade”. Outros momentos de grande notícia costumam ser os de escalada do conflito, quando este atinge maiores proporções - como foi possível observar no ataque à cidade de Palma, em março de 2021. A falta de atualizações constantes, comparativamente a estes dois momentos especificamente indicados (processo natural em acontecimentos de natureza idêntica) pode dar a entender que a situação está sanada, quando, muitas vezes, não é o caso.

Com esta falta de novas informações atuais, ou a escassez das mesmas, podemos cair na tentação de acreditar que o problema de Cabo Delgado está resolvido. Será mesmo assim? Primeiro, é necessário contextualizar esta guerra e perceber as suas características.

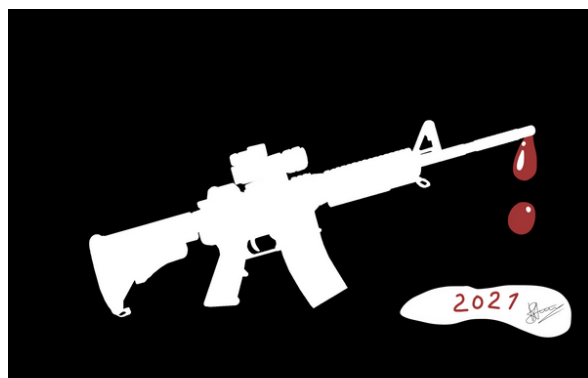
A província de Cabo Delgado situa-se no Nordeste moçambicano, sendo Pemba a sua capital. É uma região muito rica em recursos naturais e considerada pelo jornalista Amílcar Correia como “um território a saque por causa das enormes reservas de gás natural, da existência dos melhores rubis do mundo, do garimpo ilegal ou pelo facto de ser uma plataforma para o tráfico de heroína e marfim” (1).

O ataque que originou este conflito foi uma operação contra a polícia em Mocímboa da Praia, uma das cidades da província. Esta região é predominantemente muçulmana e faz fronteira a Norte com a Tanzânia. Este ataque foi perpetrado pelo grupo que se intitula Al-Shabaab (não tendo qualquer ligação ao grupo que opera na Somália sob o mesmo nome). Este grupo terrorista foi recentemente referido pelo Departamento de Estado dos EUA como tendo ligações ao ISIS (2). Esta ligação não é muito difícil de fazer, dada a existência de vídeos de combatentes a agitar bandeiras negras e a jurar lealdade ao ISIS. O Daesh chegou mesmo a reivindicar alguns ataques, entre junho de 2019 e novembro de 2020. Este grupo tem como objetivo a criação de um califado e reclama a imposição da lei religiosa (sharia) (3). Dos ataques registados por este

grupo de muçulmanos radicalizados que não tem problemas em usar violência indiscriminadamente há registo de ataques a infraestruturas do Governo e destruição de aldeias com raptos, até mesmo de crianças, casas queimadas, mortes, decapitações, violência sexual... Os homens e rapazes raptados são obrigados a fazer parte dos grupos armados, já as raparigas são obrigadas a casar. Esta violência e os deslocamentos têm tido um impacto arrasador sobre a população.

Registou-se a 24 de março de 2021 o ataque mais significativo desta guerra. Este ocorreu na vila de Palma, onde foram mortos dezenas de civis. Foi também o ataque mais mediático e noticiado pela falta de segurança que levou à suspensão dos projetos de exploração de gás de Moçambique. Este projeto da petrolífera francesa TOTAL, que é o maior investimento privado em África, teria um papel fundamental na dinamização da economia local, sendo estimado em 20 mil milhões de euros (4). Segundo o Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, a sua suspensão teve um impacto negativo de 99 milhões de euros.

A resposta do Governo moçambicano tem sido criticada, esta foi considerada como tardia e pouco eficaz. Algumas das primeiras medidas tomadas foram a contratação de mercenários russos e sul-africanos em 2020 por parte do Estado moçambicano e empresas privadas da região, com o objetivo de proteger os investimentos locais. Só em 2021, foram tomadas medidas mais robustas que começaram com o anúncio de apoio internacional com a intervenção de forças estrangeiras na região. Este apoio envolve uma



missão conjunta entre a União Europeia e países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), que contou com o envio de tropas da África do Sul, Ruana, Botsuana, Tanzânia e Angola (5). Destas, a proteção das forças armadas ruandesas, que veio dar apoio às autoridades moçambicanas mostrou-se como uma grande ajuda, fez recuar os jihadistas que espalham terror na província de Cabo Delgado (6). A eficácia da ação das tropas ruandesas é até admitida pelos insurgentes. Um insurgente capturado revelou que têm sentido mais complicações desde a chegada destas tropas e que apelidam esta tropa de *majeshi makali*, que significa “soldados muitos fortes” em suaíli, revelou também que é esta a língua mais usada pelo grupo (7). Portugal e os EUA também têm tido um papel importante, sendo este apoio mais direcionado ao aconselhamento e à formação das forças armadas de Moçambique (8). Para além da resposta tardia, o Governo de Moçambique é também acusado de parecer mais preocupado em defender os investimentos estrangeiros do que propriamente as populações locais (9). É também criticado por apresentar um exército insuficiente e mal equipado.

Embora seja verdade que a guerra em Cabo Delgado se encontre, atualmente, num momento mais brando, não significa que o fim esteja próximo. Em outubro de 2022, João Feijó, um analista do conflito, afirmou à LUSA que esta insurgência se parece mais com “uma maratona” do que com “uma corrida” que tenha uma resolução rápida. Este acredita que a violência tem tudo para se prolongar (10). Parece que será mesmo assim, o conflito chegou a toda a província e já se alastrou para as províncias vizinhas de Nampula e Niassa. Continua a haver registo de ataques, embora de forma mais esporádica e com menor intensidade. O registo destes novos ataques afeta a já pequena esperança da população que vive diariamente num clima de medo e de receio de novos ataques, enquanto enfrenta os traumas do passado. As autoridades mostram-se confiantes, enquanto que a ONU considera que as condições são pouco propícias para facilitar ou promover o regresso à província, pois o clima continua a mostrar-se instável (11).

Segundo os dados fornecidos pelo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e o projeto de registo de conflitos ACLED, o conflito já provocou um milhão de deslocados e cerca de 4.000,

respectivamente (12). Muitos dos deslocados continuam longe das suas aldeias e estão em centros de acolhimento. Estes refugiados estão dependentes de apoios, que não se mostram suficientes. Muitas das cidades afetadas, este conflito levou à fome severa. Numa entrevista dada recentemente à ONU News, a Ministra dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Verónica Macamo, revelou que os jovens, as mulheres e os deslocados têm prioridade nos apoios dados pelo Estado. Mostrou-se também “confiante na aposta em aliar intervenção armada, reconstrução e impulso ao desenvolvimento para combater o terrorismo” (13).

Apesar dos esforços para pacificar a província, mesmo contando com o apoio internacional, o conflito não terminou. A crise humanitária que se vive no Norte de Moçambique não pode ser ignorada. Com a continuação deste conflito, milhares de famílias vão continuar a ser forçadas a deixar as suas casas. Não podemos ignorar um conflito que já afetou mais de um milhão de pessoas. Continua a haver necessidade de vigiar e controlar estes grupos rebeldes que restam e continuam a destruir as aldeias por onde passam. A comunidade internacional deve manter-se atenta e apresentar um papel mais ativo nesta situação. Fechar os olhos não é a solução.

Notas de Rodapé:

1. Amílcar Correia. “Cabo Delgado, a tragédia que não podemos ignorar”. Público. 28 de março de 2021.
2. DN/AFP. “Quem são os terroristas que aterrorizam Moçambique?”. Diário de Notícias. 29 de março de 2021.
3. Público. “Cabo Delgado: Governo distrital diz que a vida voltou à normalidade em Palma”. Público. 18 de julho de 2022.
4. Sofia Lorena. “Moçambique: Dezenas de civis “indefesos” foram mortos nos ataques em Palma”. Público. 28 de março de 2021.
5. Euronews. “Moçambique confirma ajuda internacional no combate ao terrorismo”. euronews. . 26 de julho de 2021.
6. Euronews. “Moçambique confirma ajuda internacional no combate ao terrorismo”. euronews. . 26 de julho de 2021.
7. DN/AFP. “Em Cabo Delgado, as forças ruandesas amedrontam os jihadistas”. Diário de Notícias. 10 de fevereiro de 2022.
8. Fernando Jorge Cardoso. “Cabo Delgado: insurgentes, jihadistas ou terroristas?”. Observador. 5 de abril de 2021.
9. Pedro Seabra. “O conflito em Cabo Delgado em perspetiva”. Idn brief. Fevereiro de 2021.
10. Agência Lusa. “Cinco anos depois dos ataques em Cabo Delgado, deslocados continuam com medo”. Observador. 4 de outubro de 2022.
11. Nações Unidas. “Quase 1 milhão de moçambicanos fugiram da violência no norte”. ONU News. 4 de outubro de 2022.
12. Agência Lusa. “Cabo Delgado. Sem desenvolvimento instabilidade vai desaparecer, diz MNE português”. 17 de fevereiro de 2023.
13. Nações Unidas. “Moçambique sinaliza avanços combinando estratégias de contraterrorismo”. ONU News. 16 de fevereiro de 2023.

Democracia em Queda 2.0

Autoria: Tiago Correia
Edição: Matilde Mala
Ilustrador: Nobre Bastos

Após quatro anos de insalubre “desgoverno”, marcado por um retorno do Brasil aos piores rankings da fome e de desigualdade e uma derrota disputada, Jair Messias Bolsonaro continua a fazer a sua figura prevalecer, ainda que já fora do território nacional brasileiro. Desta vez, a iteração da manifestação do seu poder consistiu num ataque ao Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal, com o intuito de derrubar o governo vigente e recentemente instituído democraticamente, restaurando o anterior, presidido por Jair Bolsonaro.

Mesmo em Orlando, Flórida, os tentáculos do ex-presidente fazem-se valer – um ataque ao regime democrático em seu nome com a finalidade de o reinstaurar, e no entanto, aparentemente dissociado de qualquer intervenção do próprio. Mas não será o ataque ao Palácio do Planalto, e às demais estruturas basilares democráticas, uma culminação lógica da campanha política que Bolsonaro avançava desde 2018?

Desde 2018, o *modus operandi* de Bolsonaro manteve-se o mesmo na conquista de poder político – discursos inflamatórios e de apelo à *pathos*, fomentando a animosidade face aos governos do Partido Trabalhista; campanhas de desinformação coordenada nas redes sociais para, deste modo, surgir enquanto um paladino da moralidade na face do alegado esquema de corrupção da Lava-Jato, uma alternativa ao petismo – uma alternativa ao “socialismo”.

Desde sempre que a política brasileira foi dotada de uma corrupção quase omnipresente, a Operação Lava-Jato, expondo corrupção política e institucional em larga escala, foi apenas um vislumbre de um panorama mais alargado e há muito pleno de disfunção institucional. Note-se, no entanto, que foi este acontecimento que permitiu a um candidato “antissistema”, muito à semelhança de outros fora do Brasil, mobilizar eleitorado através do seu registo desintelectualizado e facilmente inteligível às massas e insurgir enquanto o objeto purga da corrupção ubíqua nstitucional. O oficial do exército reformado, cristão assumido e inflexível: uma figura ideal para reunir os votos da direita moderada e extremada e reconquistar o eleitorado de centro e centro-esquerda frustrados com a corrupção de sucessivas administrações. Um ataque coletivo ao aparelho

político-mediático, colocando em evidência o seu financiamento substancial em subvenções estatais, também contribuiu para um clima de desacreditação dos media tradicionais, escoando o eleitorado desiludido para as redes sociais (1).

Aqui entramos na maior ferramenta de radicalização e mobilização do eleitorado bolsonarista: as redes sociais, particularmente o *Whatsapp*. Desde o período da primeira campanha eleitoral de Jair Bolsonaro que a disseminação automática de desinformação no *Whatsapp*, por meio de robôs, era o método predileto de promoção política (2). A antagonização dos media tradicionais permitiu uma melhor articulação de propaganda fervorosa e desinformação – à semelhança de Trump, grande parte da persona e campanha política de Bolsonaro é feita através do Twitter, uma equação da conduta do PT à cena sociopolítica venezuelana criou um meme que circula até hoje na referência a um potencial governo com políticas de esquerda mal sucedidas (3). Em 2018, alguns apelos comuns a circular por eleitores no *Whatsapp* eram: “Mais tarde do que nunca temos que ir às ruas defender o Brasil, antes que seja tarde e tornemos uma Venezuela.”, “senão nos próximos 3 anos seremos uma Cuba e em 4 seremos uma Venezuela” e “Te prepara para ser venezuelano” (4). Juntando, ainda, a circulação propositada de fake news, que associavam iniciativas pró-LGBT e materiais escolares de educação sexual a pedofilia, tínhamos o objeto e



situação ideal para a prosperidade da retórica do ódio bolsonarista: o pânico moral instalado e o retrato de um Brasil degradado, pronto a ser purificado por uma força e candidato antissistema (5).

Para surpresa de alguns, Bolsonaro ganhou as eleições na 2ª volta com uma vantagem de mais de 10 milhões de votos em relação ao seu opositor mais próximo, Fernando Haddad do PT. Mas o governo não existiu sem dificuldades. Uma pandemia e o começo de uma guerra na Ucrânia, que afetaram globalmente e a médio-prazo todas as redes de produção e distribuição, a par de uma política inconstante de vacinação e prevenção de contágio, contribuíram para a redução de produção, aumento de inflação para 10% em 2021, e, ultimamente, uma desaceleração do PIB no final do mandato, devido às políticas monetárias de combate à inflação. A desaceleração no crescimento do PIB também poderá ser atribuída à atribuição da administração bolsonarista desincentivar investidores a entrar no setor privado. Esta conjuntura impediu o acesso da grande maioria a bens de consumo essenciais, nomeadamente carne bovina. Os níveis de pobreza subiram substancialmente, registando nas áreas metropolitanas aumentos da população a experienciar pobreza e extrema pobreza para os 23,7% e 6,3%, respetivamente (6). A par das descidas nos indicadores socioeconómicos e qualidade de vida, verificaram-se mais de 600 mil mortes em território brasileiro associadas às infeções de COVID-19, podendo grande porção ter sido evitada, não tivessem sido as políticas de combate ao vírus tão ambíguas por parte do governo.

Todos estes desenvolvimentos culminaram na derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, às mãos de Luiz Inácio da Silva, ou Lula, e do Partido Trabalhista. Antecipando a sua iminente derrota, Bolsonaro intensificou a sua máquina de propaganda, desta vez semeando a dúvida sobre as próprias instituições democráticas e o processo de eleição, bem como, tradicionalmente, atacando o PT e o projeto de Lula para o país, vilipendiando-os e acusando-os de intenção totalitária (7). Previsivelmente, o sistema de voto eletrónico foi recorrentemente atacado, implicando que facilitaria a manipulação eleitoral, não obstante ao facto de nunca nenhuma irregularidade ter sido encontrada (8). Na sua segunda concorrência à presidência, a máquina bolsonarista já era dotada de uma

complexa, e competentemente financiada, rede de fake news – diversas redes sociais e produtores de conteúdo, celebridades “influencers” a promover narrativas, desinformação e memes com informações erróneas. A narrativa de que o Supremo Tribunal Federal (STF) restaurou os direitos políticos a Lula para este vencer as eleições substanciado por fraude num sistema eleitoral controlado pelo Supremo Tribunal Eleitoral (STE) era das principais e mais recorrentemente disseminadas (9). O suposto encerramento das igrejas, caso o PT vencesse as eleições, também foi uma das estórias produzidas para mobilizar o eleitorado evangélico (10).

Estes preparativos deram frutos no dia da eleição e nos dias imediatamente após. No dia da 2ª volta, em muitas cidades no Brasil, mas particularmente no Nordeste (curiosamente, onde se encontrava a maioria do eleitorado petista na 1ª volta), foram realizadas inúmeras paragens de veículos de transporte para assembleias de voto, por parte da Polícia Rodoviária Federal. O número de operações policiais desenvolvidas já era 70% superior em comparação com a 1ª volta (11). Mesmo após os resultados das eleições revelarem uma clara vitória do PT e Lula, grande parte do eleitorado bolsonarista foi incapaz de se conformar – a interdição ilegal de rodovias, comumente feita com a colocação de pneus incandescentes no meio das vias, foi uma visão regular, dias a fio (12).



Finalmente, chegamos aos ataques à Sede dos Três Poderes em Brasília, no dia 8 de janeiro. "Estamos recrutando pessoas que tenham disponibilidade para ir a Brasília de ônibus que sairá no domingo e volta na quinta-feira. Tudo pago."- anúncios como este circularam proliferadamente nos canais habituais do Whatsapp, Telegram e Facebook nos dias que sucederam aos ataques. As aglomerações de tendas espalhadas pelo Distrito Federal duraram pouco mais de um mês, finalmente removidas após o ataque à sede dos Três Poderes e a detenção de mais de 1500 suspeitos (13). Mesmo fora do Brasil, o aparelho de propaganda, que dir-se-ia vestigial senão tão manifestamente ativo, deixado para trás por Bolsonaro, estimulou uma tentativa de golpe de Estado. Um golpe coordenado, com clara convivência da polícia do Distrito Federal, registada a filmar-se com e a apoiar os invasores ou, simplesmente, inerte (14). Um golpe financiado de forma meticulosa por uma elite ainda desconhecida e que ultimamente se deparou com mínima resistência, ocorrendo sob o, agora demitido, secretário de Segurança Pública do DF, o bolsonarista Anderson Torres, convenientemente fora do país (15).

A ideia de uma conspiração aprofunda-se cada vez mais, tomando como exemplo as declarações do Senador Marcos do Val no início de fevereiro, onde revela que, numa reunião com Jair Bolsonaro, lhe foi pedido que gravasse o juiz do STF e Presidente do STE, Alexandre Moraes, a contradizer-se de forma que pudesse levar à sua prisão, ao impedimento de Lula assumir o cargo e à manutenção de Bolsonaro na chefia de Estado (16).

Ainda muito se desconhece em relação aos ataques em Brasília, os próximos meses trarão clareza às muitas dúvidas que permeiam as instituições democráticas brasileiras. No entanto, não se aparenta provável que este não se trate de um fruto calculado e de mais uma iteração num registo previsível da estética bolsonarista de teste às

instituições democráticas. A máquina bolsonarista prossegue, integrada com o próprio tecido cultural de um país dividido. Bolsonaro perdeu, mas o bolsonarismo segue vivo e próspero.

Notas de Rodapé:

1. "Bolsonaro E a Mídia." n.d. Media Ownership Monitor.
2. Ibid.
3. Chagas, Viktor, Michelle Modesto, and Dandara Magalhães. 2019. "O Brasil Vai Virar Venezuela: Medo, Memes E Enquadramentos Emocionais No WhatsApp Pró-Bolsonaro." *Esferas*, no. 14 (August): 6.
4. Ibid.
5. Maranhão Filho, Eduardo Meinberg de Albuquerque, Fernanda Marina Feitosa Coelho, and Tainah Biela Dias. 2019. "Fake News Acima de Tudo, Fake News Acima de Todos: Bolsonaro E O 'Kit Gay', 'Ideologia de Gênero' E Fim Da 'Família Tradicional.'" *Correlatio* 17 (2): 65-90.
6. "A Trajetória de Sete Indicadores Econômicos Sob Bolsonaro – DW – 30/09/2022." n.d. Dw.com. Accessed October 30, 2022.
7. "Como Funciona a Fábrica de Fake News de Bolsonaro." n.d. Www.dn.pt. Accessed April 2, 2023.
8. "Bolsonaro Volta a Atacar O Sistema de Votação Eletrônico." n.d. Www.dn.pt. Accessed April 2, 2023.
9. "Como Funciona a Fábrica de Fake News de Bolsonaro." n.d. Www.dn.pt. Accessed April 2, 2023.
10. "Como Funciona a Fábrica de Fake News de Bolsonaro." n.d. Www.dn.pt. Accessed April 2, 2023.
11. Amado, Carolina. n.d. "Eleitores Acusam Polícia Rodoviária de Impedir Chegada As Urnas No Nordeste Do Brasil." *PUBLICO*. Accessed April 13, 2023.
12. "Bloqueios Bolsonaristas: Quais São as Penas Previstas Para Interdição de Rodovias." n.d. G1. Accessed April 2, 2023.
13. BBC News Brasil. n.d. "O Recrutamento de Militantes Que Antecedeu Invasões Em Brasília." Accessed April 2, 2023.
14. "Polícia Do DF é Criticada Por Não Evitar Ataques Terroristas; Imagens Mostram Policiais Escoltando E Conversando Com Bolsonaristas." n.d. G1. Accessed April 2, 2023.
15. "Terrorismo Em Brasília: O Dia Em Que Bolsonaristas Criminosos Depredaram Planalto, Congresso E STF." n.d. G1. Accessed April 2, 2023.
16. "Senador Acusa Bolsonaro de O Coagir a Participar Num Golpe de Estado." n.d. www.dn.pt. Accessed April 2, 2023.



Workshop de Filosofia e Literatura

Durante os dias 2 e 9 de maio, o Programa em Literatura está a organizar Workshops de Filosofia e Literatura, abertos a toda a comunidade estudantil da Faculdade de Letras. Serão feitas pequenas apresentações, seguidas de discussões abertas sobre os tópicos abordados.

Pesquisa mais informações no *website* da FLUL, na secção Agenda.

Um futuro menos assustador: o buraco da camada de ozono está a fechar

Autoria: Carolina Alexandre
Edição: António Santos
Ilustrador: Nobre Bastos

A Organização das Nações Unidas (ONU) lançou uma boia de salvamento para a ansiedade em relação ao futuro climático do nosso planeta. Segundo um estudo que a ONU realizou, o buraco na camada de ozono está a reduzir e se as medidas para diminuir a produção e o consumo de químicos continuarem, o buraco poderá estar totalmente fechado daqui a 43 anos **(1)**.

Visto como uma negociação ambiental de sucesso, o Protocolo de Montreal, que entrou em vigor em 1989, é um tratado internacional que tem como objetivo reduzir a produção e o consumo de químicos destruidores da camada do ozono, sendo o único tratado da ONU que todos os seus 193 estados-membros assinaram. Esta destruição deve-se ao uso excessivo de CFCs (clorofluorcarbonetos) - gases usados em aerossóis, sprays e ar-condicionados - que enfraquecem a camada de ozono **(2)**. E, claro, para reverter os estragos causados, o Protocolo de Montreal veio impedir o uso desses mesmos gases como forma de tentar atenuar o grave problema e dar alguma esperança àqueles que desejam um planeta habitável para as próximas gerações.

De acordo com a Organização, será possível evitar que a temperatura global do planeta aumente 0,5°C com a diminuição do buraco da camada de ozono **(3)**, o que demonstra um avanço na luta pelo meio ambiente e a importância das medidas tomadas até hoje para combater o aquecimento global. "A eliminação gradual de quase 99% das substâncias proibidas ajudou a preservar a camada de ozono e contribuiu significativamente para a sua recuperação e para uma diminuição da exposição humana à radiação ultravioleta prejudicial", dizem os especialistas da ONU. O Protocolo de Montreal protegeu milhões de pessoas do cancro da pele, de cataratas oculares e de outros tipos de doenças. Sem este acordo, o buraco da camada de ozono teria duplicado e provocado graves ameaças à vida na terra.

"A ação do ozono estabelece um precedente para a ação climática. O sucesso na eliminação gradual de produtos químicos que destroem a camada de ozono mostra-nos o que pode e deve ser feito - com urgência - para abandonar os combustíveis fósseis, reduzir os gases de

efeito estufa e assim limitar o aumento da temperatura", disse o Secretário-Geral da Organização Meteorológica Mundial, Prof. Petteri Taalas **(4)**. Esta conquista na batalha pelo clima diz-nos que não é tempo de baixar os braços. É tempo de continuar a lutar por medidas urgentes por parte dos governos, pois o combate à crise climática exige um esforço coletivo e permanente.



Notas de Rodapé:

1. Público. "Buraco do ozono está a fechar: há uma "recuperação notável", confirma relatório da ONU". (2023).
2. Agência do Ambiente Portuguesa. "Protocolo de Montreal (ODS)".
3. SIC Notícias. "Várias décadas depois, buraco na camada de ozono está a fechar". (2023) (August): 6.
4. UNO Environment Programme. "Ozone layer recovery is on track, helping avoid global warming by 0.5°C" (2023)



Associação de Estudantes | FLUL
@aeflul
www.facebook.com/aeflulisboa

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL "O COLA" CONSULTA
AS NOSSAS REDES:**

 @JORNALOCOLA

 @JORNALOCOLA

 JORNAL O COLA

WWW.JORNALOCOLA.WIXSITE.COM/OCOLA